

Artigos

Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística

Repairs in reading aloud as clues of sociolinguistic awareness

Raquel Meister Ko Freitag¹

RESUMO

As pistas indiretas de processamento linguístico podem contribuir para a aferição da consciência sociolinguística de um fenômeno variável, tais como os reparos em uma situação de leitura em voz alta, em situação socialmente monitorada, tal como na universidade. Com base nesta premissa, controlamos a taxa de conservação do segmento em cinco processos fonológicos variáveis do português brasileiro e a taxa de reparo em caso de não realização, na leitura em voz alta de um texto por 50 universitários. Os resultados apontam para diferenças entre os processos relacionadas ao tipo de condicionamento de conservação do segmento (valor morfêmico e não morfêmico) e diferença de taxa entre a não realização e o reparo, que constituem pistas para a saliência sociolinguística.

Palavras-chave: *Processamento; variação linguística; leitura em voz alta; saliência sociolinguística.*

1. Departamento de Letras Vernáculas - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe – Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-4972-4320>. E-mail: rkofreitag@uol.com.br.



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

ABSTRACT

Indirect clues of linguistic processing can contribute to the measurement of sociolinguistic awareness of a variable phenomenon, such as repairs in a situation of reading aloud, in a socially monitored situation, such as at university. Based on this premise, a study was carried by the control of the conservation rate of the segment in five variable phonological processes of Brazilian Portuguese and the rate of repair in case of non-performance, in the reading aloud of a text by 50 undergraduate students. The results point to differences between the processes related to the type of constraining for the conservation of the segment (morpheme and nonmorpheme value) and the difference in rate between the non-realization and the repair, which are taken as clues to the sociolinguistic salience.

Keywords: *Processing; linguistic variation; reading aloud; sociolinguistic salience.*

Introdução

A produção linguística é o processo relativo ao planejamento e à execução linguística: primeiro, precisamos conceitualizar o que desejamos comunicar; depois, precisamos transformar o pensamento em um plano linguístico; em seguida, executamos o plano linguístico com instruções aos músculos da fala e, por fim, monitoramos nossa própria fala, garantindo que saia aquilo que foi planejado e garantindo que os sentidos foram atingidos. Em termos técnicos, a produção linguística envolve as etapas de conceitualização, formulação, articulação e automonitoramento (Levelt 1989). Neste processo, podem acontecer erros; erros de produção são realizados por falantes não intencionalmente e inconscientemente. São muito comuns, acontecem a todo momento e podem passar por autocorreção ou correção por outros (Levelt 1983).

O estudo científico dos erros de produção (pausas silenciosas ou preenchidas, reparos, lapsos de língua, gaguejos, etc.) pode fornecer pistas para o desvelamento dos custos de processamento linguístico, pois podem nos dizer onde o falante pára para pensar. E esta potencialidade pode ser explorada para observar indiretamente a consciência

sociolinguística do falante, quando um traço variável é reparado ou corrigido por sua variante: ao substituir uma variante por outra, podemos identificar pistas da consciência linguística do falante e da avaliação social da variável. É esta a premissa norteadora do presente trabalho.

Uma hipótese a respeito da motivação para erros de produção linguística tem sido a visão de Freud de que os erros ocorrem porque temos mais que um único plano de produção e que um desses planos compete e domina o outro. Situações de mentira, preconceito ou monitoramento social nos demandariam maior esforço de processamento em competição com o plano da produção linguística, o que daria brechas a lapsos. Com base nesta perspectiva é que estudos de psicologia social controlam o esforço de processamento em estudos de efeitos de preconceito e monitoramento social; o mesmo podemos transpor para os efeitos do monitoramento sociolinguístico.

O automonitoramento é a etapa de controle que nos permite identificar e corrigir os erros de produção linguística. Erros são cometidos não apenas por falantes não nativos, mas também por falantes nativos. Os falantes frequentemente cometem erros e se corrigem imediatamente, o que nos permite compreender o processo de produção: os falantes são sensíveis aos erros que cometem. O fato de falantes terem a capacidade de monitorar e corrigir erros imediatamente na produção dá suporte à teoria gerativista de que existem diferenças entre desempenho e competência. E também pode dar suporte à Sociolinguística para a investigação da consciência sociolinguística do falante e da avaliação social de uma variável.

Os falantes usam diferentes estratégias de reparo ao erro: no início ou no estágio de conceituação da produção linguística, quando o falante acha seu discurso inadequado, começa a enunciação novamente. Na fase de formulação ou estágio de articulação, os falantes não iniciam novamente, mas reparam a sentença em parte. A observação de reparos – especificamente na situação de leitura em voz alta – da realização de traços sociolinguísticos variáveis do português pode ser pista de consciência sociolinguística do falante e da avaliação social de uma variável, contribuindo para o desvelamento da saliência sociolinguística (Freitag 2018, 2020, a sair): quais fenômenos variáveis são percebidos pelos falantes de uma língua?

Consciência sociolinguística

A nossa fala carrega dois tipos de informação: a informação linguística (o que está sendo dito) e a informação indexical (quem e onde está dizendo). O processamento dessas informações linguísticas e indexicais é integrado durante a percepção linguística, relevando a consciência sociocognitiva.

Saliência é um conceito complexo, frequentemente presumido nos estudos, mas subdefinido ou subentendido. Não sabemos dizer exatamente o que é saliência, mas sabemos dizer se uma variável é ou não saliente. Para isso, valemo-nos das frequências *type* e *token* da variável e das suas variantes e o seu peso ideológico, a informação socialmente marcada associada a uma variante de uma variável linguística. Duas abordagens para saliência são correntes na Sociolinguística. Uma que considera a saliência como o resultado da atuação de múltiplos fatores, cognitivos, internos e externos à língua, como é a proposta de Kerswill e Williams (2002), e outra abordagem que considera a saliência como resultado de um processo que tem como foco as implicações cognitivas da percepção social (Labov et al. 2011, Levon e Fox 2014, Buchstaller 2016, Freitag 2020, a sair). Independentemente da abordagem, é preciso reconhecer o que é saliente. Os falantes fazem escolhas quando falam, mas essas escolhas não são necessariamente conscientes para si mesmos, ou seja, os falantes nem sempre conseguem perceber, no nível da consciência, se uma variante é saliente ou não.

Dentro da Sociolinguística, algumas abordagens propõem reconhecer e classificar os efeitos da saliência nas escolhas dos falantes considerando a consciência social da comunidade e a informação socialmente marcada, como o nível de consciência social de Labov (1972), que classifica as variáveis em indicadores, marcadores e estereótipos,² o modelo de *audience design*, de Bell (1984), e de indexicalidade, com as ordens de Silverstein (2003) e os campos de Eckert (2008).

2. A escala de apreciação social de Labov (1972) classifica os traços linguísticos em estereótipos (traços linguísticos socialmente marcados de forma consciente pelos falantes), marcadores (traços linguísticos sociais e estilísticos e que permitem efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o falante) e indicadores (traços socialmente estratificados, no entanto, não são sujeitos à variação estilística).

Falantes fazem diferentes avaliações conscientes e inconscientes sobre diferentes variedades linguísticas, tanto variedades dialetais quanto variedades com interferência de outra língua. O nível de consciência social desempenha um importante papel ao determinar quais variantes são sujeitas à correção. Consciência, enquanto conhecimento explícito, emerge de experiências agregadas para reconhecer as diferenças linguísticas no momento da interação e para a compreensão do quanto são linguística e socialmente significativas, e pode ser perfilada em uma escala em três níveis: o da percepção, o do reconhecimento e o da compreensão (Squires 2017).

Os níveis de consciência representam conhecimento mais ou menos implícito versus explícito da variação. Com variáveis do tipo estereótipo, os falantes sabem que o recurso está relacionado a uma categoria de falante; já com indicadores, os falantes não sabem que o recurso se aplica a uma categoria específica de falante. Os falantes têm conhecimento explícito de estereótipos que eles podem discutir e refletir (Silverstein 1983, Preston 2010). No entanto, os falantes também devem ter algum conhecimento de indicadores e marcadores: utilizá-los de forma variável faz parte de sua competência gramatical. Já o conhecimento de indicadores é implícito, não conscientemente objeto de discussão e reflexão.

O conhecimento da variação provavelmente decorre de um processo semiótico durante o qual os falantes são expostos a diferenças linguísticas, observam-nas e sistematizam padrões de seu uso em conexão com fatos sociais. Enquanto muitas pesquisas investigaram o estado do conhecimento dos falantes sobre fatos da variação, o processo pelo qual os falantes constroem esse conhecimento (consciência sociolinguística) é ainda inexplorado. Diferenças entre percepção, reconhecimento e compreensão têm sido amplamente discutidas no campo da aquisição de segunda língua, mas ainda são pouco exploradas na língua materna, e a conexão entre processamento linguístico e o significado social das formas linguísticas tem sido explorada em abordagens relativamente recentes, como a de *Language regard* (Preston 2011) e a do monitor sociolinguístico (Labov et al. 2011).

Resultados de estudos de produção, considerando a relação entre a frequência *type/token*, nos permitem identificar quem fala e em que lugares, e verificar a sensibilidade estilística, separando indicadores

de marcadores. Ainda considerando a produção, dados sociais, como memes, piadas e prescrições gramaticais, contribuem para o status de planejamento, ou para diferenciar estereótipos de marcadores ou indicadores (Freitag 2016). As correções, reparos e autoreparos podem dar pistas também sobre o nível de consciência de uma certa variante. Por exemplo, Ribeiro (2019) sugere a partir da análise de operações de reparo que a forma *ni* (variante da preposição *em*, pouco documentada e cuja origem é atribuída ao contato entre línguas africanas e o português) não é socialmente estigmatizada: os estudantes percebem a forma, mas não a corrigem nem são corrigidos quanto ao seu uso. As situações de reparo evidenciam a regularização da forma *ni* na comunidade, indicando convergência pela dimensão subjetiva de estratégias de acomodação.

A situação de leitura em voz alta é um momento controlado em que é possível mensurar os reparos e verificar a consciência sociolinguística do falante e, a partir dela, inferir a avaliação social do fenômeno variável alvo de reparo.

Leitura em voz alta e variação linguística

A variação linguística se manifesta nas situações de produção linguística, inclusive em situações de maior monitoramento, como na leitura em voz alta, um estilo de atenção à fala altamente monitorado. Assim, fenômenos variáveis que passam da fala para a leitura são fenômenos que não são socialmente estigmatizados, indicando percepção e reconhecimento da variação, nos termos de Squires (2017); por outro lado, o reparo de uma realização variável nos dá pistas da compreensão em direção à avaliação social do fenômeno e à consciência sociolinguística do falante.

Fenômenos fonológicos variáveis na situação de leitura em voz alta tendem a ser afetados pela relação de opacidade/transparência do sistema ortográfico e sua realização fonológica: enquanto na fala uma realização pode vir a ser categórica, na leitura em voz alta, a representação ortográfica pode interferir na realização, e este efeito pode sinalizar maior monitoramento decorrente da situação estilística, ou pode sinalizar baixa habilidade de automaticidade na decodificação, fenômeno que, embora mais recorrente nos leitores aprendizes (estudantes das séries iniciais da educação básica), pode se apresentar nos níveis mais altos de escolarização.

Fenômenos variáveis no nível fonológico apresentam maior possibilidade de transposição para a fala, em decorrência do uso de uma rota lexical para a leitura (Coltheart 2013). O modelo de rotas de leitura pressupõe que a leitura de um sistema de escrita alfabético pode ocorrer por meio de um processo de reconhecimento visual direto (rota lexical) ou por um processo envolvendo mediação fonológica (rota fonológica). Ambas as rotas de leitura iniciam com o sistema de análise visual, que tem a função de identificar as letras, sua posição na palavra e agrupá-las. Em leitores fluentes, a rota fonológica é a única possível para ler palavras novas ou raras na ortografia regular, e neologismos; nesta rota, primeiro ocorre a decodificação das letras, depois a procura de uma possível pronúncia e depois o sentido. Já a rota lexical é utilizada para as palavras frequentes e indispensável para as palavras irregulares. Não atingir a automaticidade na leitura no nível da palavra leva a problemas no próximo nível, no nível da compreensão.

A transposição para a leitura em voz alta decorre da memória visual da palavra (Ehri 1995), que sofre efeitos da variedade falada, distante da transparência do sistema ortográfico, mas que pode sofrer efeitos de monitoramento social do contexto estilístico de atenção à fala e do contexto social da leitura. E por conta da automaticidade de acesso à rota, em caso de transposição do fenômeno, o monitoramento da leitura pode apontar para o reparo, denotando efeitos do monitoramento sociolinguístico. Estudos nesta direção no português brasileiro (Machado 2018, Freitag e Sá 2019, Machado e Freitag 2019) sugerem que reparos na leitura em voz alta podem dar pistas da consciência sociolinguística do leitor, e da avaliação social do traço, na medida que traços social ou estilisticamente avaliados de modo negativos tendem a ser reparados ou corrigidos.

Método

Amostra

A amostra do conjunto de dados faz parte do projeto *Como fala, lê e escreve o universitário?*, uma ação de documentação, descrição e formação linguística, a partir de uma pedagogia culturalmente sensível, com a documentação linguística para a descrição da fala, leitura e escrita

de universitários, para subsidiar a elaboração de material didático para cursos de letramento acadêmico.³

O procedimento de coleta segue as diretrizes do banco de dados Falares Sergipanos (Freitag 2017), com estudantes da Universidade Federal de Sergipe.

Para a documentação da leitura, foi escolhido um texto com um número de palavras e temática aderente ao público-alvo, no entanto, com gatilhos para processos fonológicos e morfossintáticos: a crônica “Vida de cinema”, de Luis Fernando Veríssimo, publicada no jornal O Globo em 31 de julho de 2014 <<https://oglobo.globo.com/opinia/vida-de-cinema-13437047>>. O texto, com 358 palavras, foi preparado para a tarefa de leitura, com a padronização dos espaçamentos, interlinearização, alinhamento e tamanho de fonte, segundo os protocolos de documentação de leitura em voz alta.

A amostra é formada pela leitura em voz alta de 50 estudantes, estratificados quanto ao deslocamento para a universidade (variável não controlada) e o período do curso (inicial ou final). A leitura de cada estudante foi transcrita e alinhada ao áudio no software Elan (Wittenburg et al. 2006), o que permite a identificação dos segmentos-alvo, bem como os reparos, por meio de busca automática dos itens em que cada processo ocorre. Na busca, foram considerados os itens conforme as restrições a seguir.

- R em coda externa: seis itens verbais de infinitivo (*morrer, dizer, sair, precisar, esperar, ser*) e um item nominal (*mulher*).
- Monotongação: (foram considerados apenas os contextos de coda interna)⁴ quatro itens com -ow (*ouviu, poupava, pouco, trouxesse*), seis itens com -ej (*passageira, beijava, deitado (2x), beijo, primeira, dinheiro*), e um item com -aj (*apaixonadamente*).

3. Nesta etapa, vinculada à linha de fomento IntegraUFS 2019 para a Iniciação Científica, a equipe foi responsável pela documentação linguística, cujos resultados parciais são apresentados em Souza, Silva e Araujo Jr (2020).

4. Diferentemente de Souza, Silva e Araujo Jr. (2020), as ocorrências de monotongação em contexto externo em verbos não foram consideradas, pela ocorrência categórica da realização com ditongo.

- Desnasalização: foram considerados contextos de vogal final nasalizada átona e tônica, por terem sido identificados também itens tônicos com desnasalização na leitura na amostra; sete itens verbais átonos (*prepararam, continuam, persistem, produzem, matavam, terminarem, aparecerem, faziam*) e quatro itens nominais tônicos (*comum, além, alguém, garçom*).
- Redução de -ndo: dois itens de gerúndio (*iludindo, sabendo*), e cinco ocorrências do item *quando*.
- S em coda externa: Este é um contexto complexo, pois estão sendo considerados em conjunto sintagmas nominais de dois (*os brigões, os punhos*) ou mais constituintes (*nas nossas pistolas*), em estruturas predicativas (*seríamos felizes*) e em formas de primeira de plural (*víamos, chegamos, chegássemos (2x), tivéssemos, atiraríamos, cantaríamos, dançássemos, erraríamos, seríamos*), em que o condicionamento do -S tem natureza morfossintática, e em nomes monomorfêmicos, em que o condicionamento é fonético (como em *apenas, depois (3x), francês, duas, mais, simples*). Mesmo no caso dos nomes em que o S é morfêmico, há efeitos de saliência fônica (Naro & Scherre, 1998) diferentes, como em contexto não salientes (*casos, lutas, murros, punhos, deitados, palavras, ditas, pistolas, pressas, intervalos, números, acompanhados, violinos, filmes, namoradas, semanas*), casos de moderada saliência (*felizes, cores, musicais, alguns*), e casos de alta saliência (*convenções, brigões*). Dois itens chamam a atenção em relação ao efeito da saliência no plural, *socos (2x)* e *rostos (2x)*, que tiveram realizações variáveis na leitura em voz alta com o abaixamento da vogal tônica, seguindo o padrão do plural de *ovo*. Apesar desta diversidade de contexto, o foco da análise se restringe à realização ou não realização do segmento.

Após o levantamento das ocorrências, foi realizado o cômputo das taxas de ocorrência de cada processo, descrito globalmente em Souza, Silva e Araujo Jr. (2020). Foram excluídas as ocorrências de palavras “adivinhadas” (cf. Machado Freitag 2019), ou seja, aquelas palavras que foram antecipadas pelo participante a partir de pistas de compreensão. Na sequência, são detalhados os processos fonológicos dos itens objeto alvo do controle na leitura.

Objeto-alvo

Foram considerados na leitura em voz alta a realização de cinco processos fonológicos variáveis no português brasileiro, descritos a seguir.

A monotongação é um processo de apagamento do glide palatal [j], como em *caixa*, ou velar [w] em ditongo decrescente, como em *cenoura*. Estudos sociolinguísticos de produção apontam para efeito do condicionamento estilístico: o apagamento do glide velar tende a ser uma regra categórica em situações informais, em todos os contextos linguísticos (morfêmico, como na terceira pessoa do pretérito perfeito *cantou* e não morfêmico, como em *couro*), inclusive na escrita (com realizações escritas como *cantô*, recorrente em contextos menos formais) (cf. Brandão 2015, Araujo e Borges 2019). Já o glide palatal apresenta restrições de natureza interna, decorrente do contexto fonológico seguinte: independentemente da formalidade, ocorre em contextos em que a sílaba seguinte apresenta o traço palatal, como em *caixa*, *beijo*, e é restringido em contextos em que a sílaba seguinte inicia por oclusiva, como em *leito*, *caibo*. O comportamento é estável em todas as regiões do Brasil, sem sensibilidade social ou dialetal. Considerando as rotas de leitura, é esperado que este tipo de fenômeno seja transposto na leitura em voz alta de leitores fluentes, sinalizando o acesso de uma rota lexical; a realização do segmento, por outro lado, sinaliza para um leitor que faz uso da rota fonológica, por hipótese menos automatizado (e menos fluente).

A desnasalização de ditongo final é o processo do apagamento do segmento nasal, em nomes, como em *vagem*, e em verbos na terceira pessoa, como em *passaram*. Nos verbos, o apagamento interfere em relações morfossintáticas, e ocorre de modo estável em todo o português brasileiro, com comportamento relativamente sensível ao contexto de monitoramento estilístico. Já nos nomes, a variante desnasalizada está associada a aspectos sociais relativos à escolarização e ruralidade, além de ser relativamente sensível ao contexto de monitoramento estilístico (Gomes, Mesquita e Fagundes 2013, Gomes, Melo e Barcellos, 2016). Na tipologia de apreciação social, este processo é considerado um marcador, com sensibilidade estilística e social. O contexto da regra foi ampliado para contemplar todos os contextos de desnasalização,

átonos e tônicos (dado que foram identificados no corpus casos de desnasalização também em contexto tônico, como no item *comum*).

A redução de -ndo é um processo de assimilação da consoante vozeada, em obediência a um princípio universal (toda consoante desvozeada tende a ser vozeada; toda consoante vozeada tende a ser assimilada), com ocorrência linguística, social e estilisticamente segmentada no português brasileiro. Há regiões dialetais com maior realização de apagamento, em contextos morfêmicos (gerúndio) e não morfêmicos (em itens como *quando, mundo, Orlando*), há regiões com maior realização de apagamento, somente em contextos morfêmicos, e há regiões com menor recorrência do apagamento (Freitag, Cardoso e Pinheiro 2018, Cardoso, Pinheiro e Silva 2019).

O apagamento do R em verbos, com valor morfêmico de infinitivo (em itens como *cantar, comer, dormir*) é categórico em situação de fala no português brasileiro, independentemente do nível de monitoramento estilístico, região dialetal ou perfil social; o apagamento do R final em nomes com valor não morfêmico (em itens como *mulher, calor*), no entanto, tem restrição dialetal, estilística e social (Callou, Moraes e Leite 1998, Monaretto 2000, Oushiro e Mendes 2014, Callou, Serra e Cunha 2015, Callou 2015). O apagamento do S final, com valor morfêmico de plural (em nomes, como *filmes, pessoas*, e em verbos, como *víamos, cansamos*) tem restrições de ocorrência social e estilística na fala, que se esperam que sejam transpostas para a leitura em voz alta. Já o apagamento do S final com valor não morfêmico (em itens como *apenas, menos*) tende a ser restringido. (Brandão e Vieira 2012, Callou 2015)

A observação destes fenômenos na situação de leitura em voz alta pode contribuir para desvelar os efeitos da sua avaliação social, ao mesmo tempo que permite inferir pistas de consciência sociolinguística do falante (e, de modo adjacente, sua proficiência em leitura).

Tratamento dos dados

Os procedimentos de análise dos dados consistem em estatística descritiva da taxa de ocorrência das variantes dos cinco processos fonológicos variáveis no português brasileiro controlados em situação

de leitura e da taxa de reparo da variação na leitura. A estatística inferencial consiste na realização de teste-t para amostras independentes entre a taxa de variação na leitura e a taxa de reparo da variação na leitura, e de modelo de regressão logística generalizada com efeitos aleatórios (participante e item) para a realização (variável dependente), controlando os efeitos da correção (sim/não) e o valor gramatical (morfêmico/não morfêmico). A visualização gráfica dos resultados foi desenvolvida com o pacote `ggstatsplot` (Patil e Powell 2018) para a plataforma R. O script da análise e o conjunto de dados está disponível em <https://osf.io/qt47u/>.

Resultados

A variabilidade na leitura em voz alta e os reparos da variabilidade apresentam padrões de recorrência bem estabelecidos, relacionados com os juízos de avaliação social das variáveis.

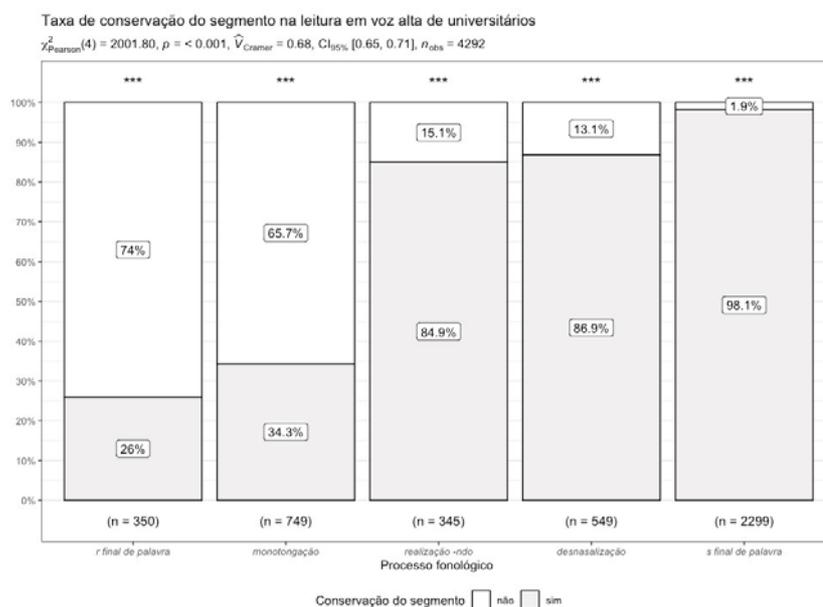


Figura 1 – Distribuição das taxas de conservação do segmento nos processos fonológicos controlados na leitura em voz alta

Na leitura em voz alta, a realização de traços variáveis segue a mesma tendência da fala (figura 1), com forte associação ($V = 0,68$). Dos processos fonológicos controlados, a monotongação e o apagamento de R final são aqueles que mais ocorrem, com 65,7% e 74%, respectivamente, de ocorrências na amostra de leitura em voz alta entre universitários. Enquanto na fala estes processos têm comportamento categórico ou quase-categórico para o apagamento, a situação de leitura em voz alta é um contexto de restrição, seja por conta do efeito da transparência do sistema ortográfico na leitura, da adoção de uma rota fonológica para a leitura (denotando menor habilidade de compreensão em leitura) ou por monitoramento estilístico, que atuam como condicionadores.

Já a redução do segmento *-ndo*, a desnasalização e o apagamento do S final apresentam taxas de recorrência relativamente mais restritivas na leitura em voz alta do que na fala: a redução do segmento *-ndo* e a desnasalização com alta taxa de conservação, 84,9% e 86,9%, enquanto estudos de variação na fala, na mesma comunidade, apontam que a taxa é de 60% (Freitag, Cardoso e Pinheiro 2018), e na leitura é de 68% (Cardoso, Pinheiro e Silva 2019); e ocorrência quase-categórica para a conservação do S final de palavras. Em tarefa de discriminação (decisão lexical), na mesma comunidade, palavras com desnasalização tendem a ser associadas a não palavra (Freitag e Souza 2019), denotando o efeito de processamento que pode ter agido no monitoramento da leitura em voz alta.

Por si só, este padrão de recorrência já reforçaria o juízo de avaliação social de marcador associado a estes processos fonológicos no português brasileiro. Do mesmo modo em que nos fenômenos cuja taxa de conservação foi baixa, também não é possível distinguir qual é o condicionador da restrição. O contexto linguístico imediato de onde ocorre o fenômeno pode nos dar pistas do grau de consciência do processamento da variação, e, assim, contribuir para desvelar qual é o condicionador da restrição: se a conservação ocorre em segmento morfêmico ou não morfêmico.

A escala de distribuição da conservação do segmento nos processos fonológicos é a mesma em ambos os contextos, seguindo a tendência da distribuição geral, com forte associação ($V = 0,64$ e $0,76$). No entanto,

o percentual de apagamento em contextos não morfêmicos é maior do que em contextos morfêmicos para o R final e para a monotongação (75,9 ~ 56,8% e 96 ~ 70,3%, respectivamente). Por outro lado, a desnasalização segue o caminho inverso, com percentual de conservação maior em contextos não morfêmicos do que em contextos morfêmicos (15,6 ~ 2%). O comportamento do S final é o mesmo, independentemente do contexto morfêmico.

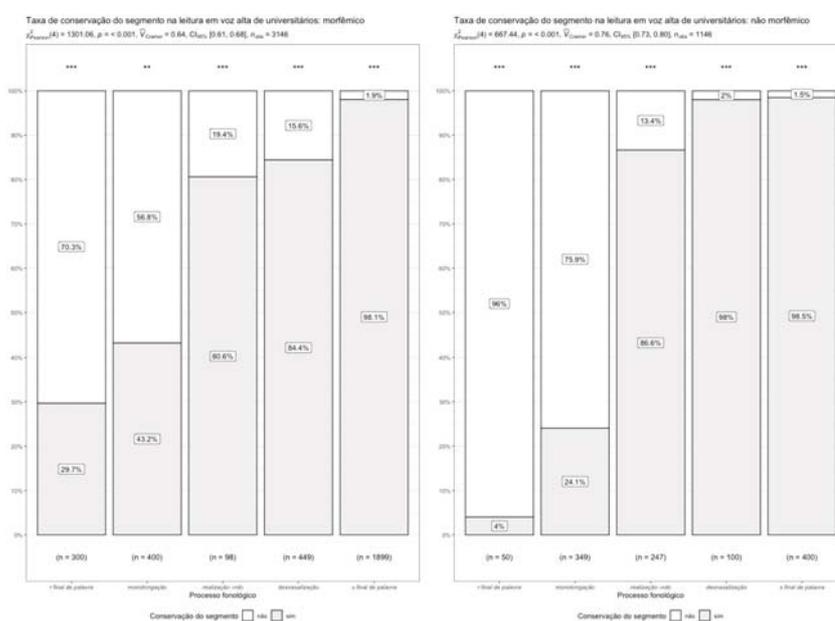


Figura 2 – Distribuição das taxas de conservação do segmento nos processos fonológicos controlados na leitura em voz alta em função do contexto linguístico imediato morfêmico ~ não morfêmico.

Considerando apenas o conjunto de dados em que não houve a conservação do segmento (figura 3), a taxa de reparo é significativamente mais baixa, com fraca associação ($V = 0,10$), mesmo nos fenômenos altamente restritos na leitura em voz alta, como no caso do S final de palavra, cuja taxa de correção foi de 14% (ante uma taxa de conservação do segmento de 98,1%). Este resultado sugere que a variação não é reconhecida como erro.

Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística

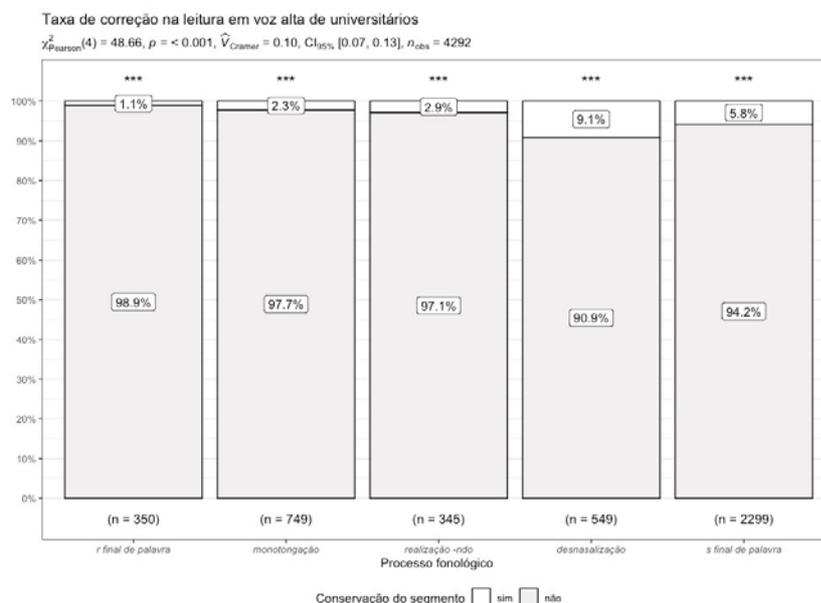


Figura 3 – Distribuição das taxas de correção do segmento nos processos fonológicos controlados na leitura em voz alta (percentuais, n = 926)

O segmento -ndo teve comportamento categórico: as 52 ocorrências de não realização da consoante não foram corrigidas na leitura em voz alta, sinalizando que este processo variável não está no nível da consciência do falante nesta comunidade de fala, já que não é reparado. Muito mais frequentes, a não realização do R final de palavra e a monotongação apresentaram taxas de correção muito baixas (1,5% e 2,3% respectivamente), o que sinaliza para o efeito do monitoramento estilístico.

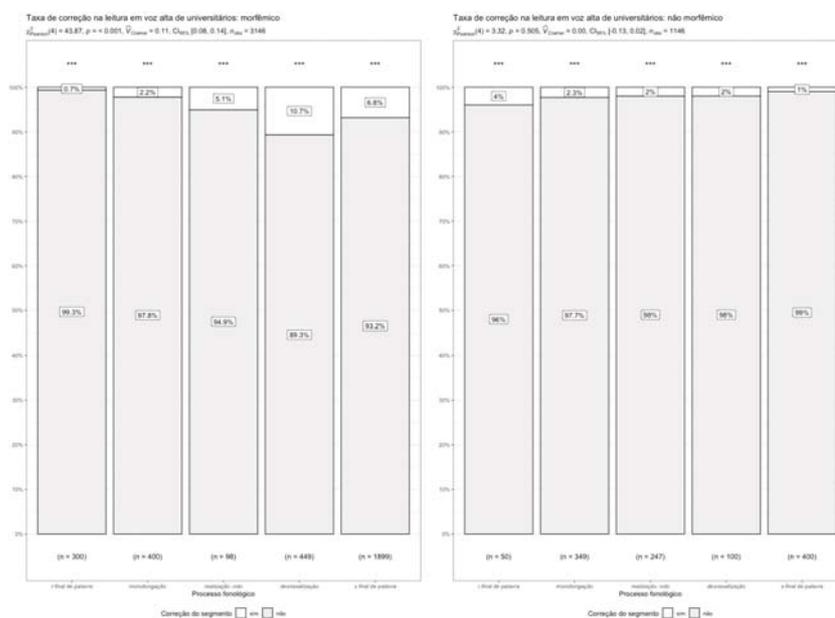


Figura 4 – Distribuição das taxas de correção do segmento nos processos fonológicos controlados na leitura em voz alta

A diferença entre as médias da taxa de conservação do segmento na leitura em voz alta e das médias da taxa de correção da não realização é estatisticamente significativa para a desnasalização ($M_{\text{variação}} = 10.90, M_{\text{correção}} = 1.60, t(41.02) = 27.75, p < .001$), para a monotongação ($M_{\text{variação}} = 6.75, M_{\text{correção}} = 1.46, t(15.11) = 7.64, p < .001$), para realização -ndo ($M_{\text{variação}} = 7.85, M_{\text{correção}} = 1.92, t(7.35) = 13.86, p < .001$) e para o S final de palavra ($M_{\text{variação}} = 51.81, M_{\text{correção}} = 3.86, t(71.27) = 119.02, p < .001$). A diferença para o R final de palavra não é estatisticamente significativa.

Quanto ao efeito do valor gramatical, um modelo de regressão generalizada de efeitos mistos foi construído para cada um dos fenômenos (Tabela 1), considerando a realização, o valor morfêmico e a correção (fórmula = realização ~ valor * correção). O modelo incluiu participante e item como efeito aleatório (fórmula = ~1 | informante + ~1 | item).

Tabela 1 – Modelo de regressão generalizada do efeito da conservação do segmento na leitura em voz alta. Fórmula realização ~ valor

	<i>R final</i>	<i>Monotongação</i>	<i>-ndo</i>	<i>Desnasalização</i>	<i>S final</i>
Efeitos fixos					
<i>(Intercepto)</i>	1,45 ** (0,51)	-0,01 (1,02)	-1,84 *** (0,39)	-2,42 *** (0,48)	-4,66 *** (0,37)
valor [não morfêmico]	2,87 * (1,37)	2,09 (1,51)	-0,60 (0,36)	-3,13 * (1,43)	-0,27 (0,57)
correção [sim]	17,67 (12306,74)	-0,70 (0,68)	-24,00 (528,79)	0,18 (0,63)	0,56 (0,53)
valor [não morfêmico] * correção [sim]			1,25 (528,79)	5,13 * (2,27)	3,11 * (1,53)
Efeitos aleatórios					
σ^2	3,29	3,29	3,29	3,29	3,29
τ_{00}	2,78 <small>participante</small>	0,57 <small>participante</small>	1,81 <small>participante</small>	1,16 <small>participante</small>	1,08 <small>participante</small>
	1,03 <small>item</small>	8,00 <small>item</small>	0,00 <small>item</small>	1,31 <small>item</small>	0,37 <small>item</small>
<i>ICC</i>	0,54	0,72	NA	0,43	0,31
	7 <small>itens</small>	15 <small>itens</small>	3 <small>itens</small>	11 <small>itens</small>	40 <small>itens</small>
<i>Observações</i>	350	749	345	549	2299
<i>R² marginal/condicional</i>	0,41/0,72	0,08/0,74	0,82/NA	0,20/0,54	0,011/0,314
<i>AIC</i>	337,59	649,84	279,06	364,80	417,82

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$ *** $p < 0,001$

Quanto aos efeitos fixos, o efeito do valor morfêmico para a conservação do segmento na desnasalização é negativo (-3,13, $p < 0,001$), ou seja, maior razão de chances de apagamento do segmento em contexto linguístico morfêmico, como em *aparecerem* e *terminarem*, do que em não morfêmico, como *comum* e *alguém*); considere-se que há uma sobreposição na amostra: todas as ocorrências de itens com valor morfêmico são em posição átona, e todas as ocorrências de itens não morfêmicos são tônicas, não sendo possível dissociar o efeito dos fatores, ou a sua interação.

Para o R final, o efeito é positivo (2,87, $p = 0,05$), ou seja, maior razão de chances de apagamento em contexto linguístico morfêmico, como em *precisar*, *sair*, do que em não morfêmico, como *mulher*. Na monotongação, o efeito do valor morfêmico é positivo e baixo (0,50, $p < 0,001$), ou seja, maior razão de chance de apagamento em contexto

linguístico não morfêmico, como em *pouco*, do que em morfêmico, como em *contou*.

Na correção, o efeito do valor morfêmico não é significativo para nenhum dos processos fonológicos considerados. No entanto, a interação entre valor não morfêmico e correção é positiva (5,13, $p < 0,05$) para a desnasalização e para o S final (3,11, $p = 0,05$), o que sinaliza para o efeito da consciência sociolinguística no monitoramento da leitura: estes são os processos variáveis associados ao estigma.

O poder explanatório de todos modelos é substancial (R^2 condicional): os efeitos fixos (R^2 marginal) têm contribuição forte nos processos de desnasalização (0,21), realização do *-ndo* (0,82) e realização do R final (0,41), e fraca nos processos de realização do S final (0,01) e montongação (0,08). Os efeitos aleatórios controlados permitem identificar padrões dos processos e vieses do modelo: a monotongação é o processo que apresenta maior consistência dos participantes nos itens controlados, com coeficiente de correlação intraclassa (ICC) forte (0,72), com efeito alto do item e baixo do participante. A consistência é moderada para o R final (0,54) e desnasalização (0,43), e fraca para o S final (0,31). Na realização de *-ndo* não foi possível calcular o coeficiente de correlação intraclassa, devido à limitação do número de itens.

O efeito do valor gramatical na correção do apagamento do R final de palavra e da monotongação é mais recorrente em contextos não morfêmicos do que em contextos morfêmicos; embora a amostra seja desequilibrada quanto ao número de itens em função do valor gramatical, o resultado segue a tendência apresentada por estudos de natureza descritiva da fala. A correção da desnasalização e da não realização do S final de palavra em contexto não morfêmicos não é estatisticamente significativa na amostra.

No caso do S final, a complexidade de contextos envolvidos, com diferentes graus de saliência, potencialmente poderia ter interferido no resultado, na direção de apontamento para a conservação da marca, o que não se efetivou. A ampliação da amostra considerando o balanceamento dos itens, de modo a ter uma distribuição equilibrada entre contextos morfêmicos e não morfêmicos, pode aprimorar ainda mais a análise.

Conclusão

O estudo da variação e dos reparos da variação na leitura em voz alta de universitários permite identificar contextos que são sensíveis ao processamento linguístico. Há padrões de comportamento diferenciado entre os cinco processos fonológicos variáveis controlados:

- Processos altamente permeáveis à leitura: apagamento do R final e monotongação;
- Processos barrados pela leitura: apagamento do S final e desnasalização;
- Processos conscientes (sensíveis à correção): apagamento do S final;
- Processos inconscientes (não sensíveis à correção): redução do segmento –ndo.

Os efeitos do contexto linguístico imediato quanto ao valor gramatical (morfêmico e não morfêmico), atuantes na fala, também transpassam para a leitura em voz alta e podem dar pistas do efeito do processamento linguístico, considerando a atuação da consciência morfológica na leitura (Deacon e Kirby 2004), ainda pouco explorados. A ampliação do estudo, com o cotejamento das taxas de produção na fala (e os reparos) aos resultados obtidos para a leitura em voz alta, na agenda do projeto *Como fala, lê e escreve o universitário?*, pode contribuir ainda mais para o desvelamento da saliência sociolinguística.

Referências

- ARAUJO, Andréia Silva; BORGES, Damiana Karina Vieira. 2019. Atitudes linguísticas de estudantes universitários: o fenômeno da monotongação em foco. *Tabuleiro de Letras*, 12: 97-113.
- BELL, Allan. 1984. Language style as audience design. *Language in society*, 13(2):145-204.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. 2015. Variação e mudança no âmbito do vocalismo. In: MARTINS, Marco A.; ABRAÇADO, Jussara (Eds.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.

- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues. 2012. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa: Revista de Linguística*, 56(3), 1035-1064.
- BUCHSTALLER, Isabelle. 2016. Investigating the effect of socio-cognitive salience and speaker-based factors in morpho-syntactic life-span change. *Journal of English Linguistics*, 44(3): 199-229.
- CALLOU, Dinah. 2015. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, Marco A.; ABRAÇADO, Jussara (Eds.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. 1998. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 14/SPE: 00-00.
- CALLOU, Dinah; SERRA, Carolina; CUNHA, Cláudia. 2015. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. *Revista da ABRALIN*, 14(1): 195-219.
- CARDOSO, Paloma Batista; PINHEIRO, Bruno Felipe Marques; SILVA, Lucas Santos. 2019. Variação do segmento/d/no contexto/ndo: efeitos prosódicos e de leitura. *Leitura*, 63(2): 174-191.
- COLTHEART, Max. 2013. Modelando a leitura: a abordagem da dupla rota. In: SNOWLING, Margaret J.; HULME, Charles (eds.). *A ciência da leitura*. Porto Alegre: Penso.
- DEACON, S. Hélène; KIRBY, John R. 2004. Morphological awareness: Just “more phonological”? The roles of morphological and phonological awareness in reading development. *Applied psycholinguistics*, 25(2): 223-238.
- ECKERT, Penelope. 2008. Variation and the indexical field. *Journal of sociolinguistics*, 12(4): 453-476.
- EHRI, Linnea C. 1995. Phases of development in learning to read words by sight. *Journal of research in reading*, 18(2): 116-125.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. 2020. Effects of the linguistic processing: palatals in Brazilian Portuguese and the sociolinguistic monitor. *University of Pennsylvania. Working Papers in Linguistics*, 23(2): 1-10.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. 2017. *Documentação Sociolinguística, coleta de dados e ética em pesquisa*. São Cristóvão: EdUFS.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; CARDOSO, Paloma Batista; PINHEIRO, Bruno Felipe Marques. 2018. Saliência na conservação de/d/no segmento/ndo: efeitos sociais e estilísticos. *Gragoatá*, 23(46): 654-678.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. (2016). Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA:*

- Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 32(4): 889-917.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; SOUZA, Victor Rene Andrade. 2019. Discriminação de palavras e efeitos da variação linguística. In: XII Symposium in Information and Human Language Technology and Collocates Events. *Proceedings*.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. 2018. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. *Acta scientiarum. Language and culture*, 40(2): e41173.
- FREITAG, Raquel Meister Ko.; SÁ, José Júnior de Santana. 2019. Reading aloud: linguistic variation and the success in reading early learning. *Ilha do Desterro*, 72(3): 41-62.
- GOMES, Christina Abreu; MESQUITA, Cássia; FAGUNDES, Taís da Silva. 2013. Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala do rio de janeiro. *Diacrítica*, 27(1): 153-173.
- GOMES, Christina Abreu; MELO, Marcelo Alexandre Lopes Silva; BARCELLOS, Maria Eugenia Martins. 2016. Dinâmica da variação sociolinguística em contexto de exclusão social. *ReVEL*, spe(13): 128-143.
- KERSWILL, Paul; WILLIAMS, Ann. 2002. Saliency as an explanatory factor in language change: evidence from dialect levelling in urban England. In: JONES, Mari C.; ESCH, Edith (Eds.) *Language change: The interplay of internal, external and extra-linguistic factors*.
- LABOV, William et al. 2011. Properties of the sociolinguistic monitor. *Journal of Sociolinguistics*, 15(4): 431-463.
- LABOV, William. 1972. *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press.
- LEVELT, Willem J. M. 1983. Monitoring and self-repair in speech. *Cognition*, 14(1): 41-104.
- LEVELT, Willem J. M. 1989. *Speaking: From intention to articulation*. Cambridge: Cambridge MIT Press.
- LEVON, Erez; FOX, Sue. 2014. Social saliency and the sociolinguistic monitor: A case study of ING and TH-fronting in Britain. *Journal of English Linguistics*, 42(3): 185-217.
- MACHADO, Alessandra Gomes Pereira; FREITAG, Raquel Meister Ko. 2019. Pistas de processos de decodificação que levam à compreensão da leitura. *Letras de Hoje*, 54(2): 132-145.
- MACHADO, Alessandra Pereira Gomes. 2018. Variação linguística e leitura: fenômenos variáveis da fala na leitura em voz alta. *A Cor das Letras*, 19(4): 196-218.

- MONARETTO, Valeria Neto de Oliveira. 2000. O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de hoje*, 35(1): 275-284.
- OUSHIRO, Livia; BELINE MENDES, Ronald. 2014. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. *Revista Veredas*, 18(2): 251-266.
- PATIL, Indrajeet; POWELL, Chuck. 2018. *ggstatsplot: "ggplot2" Based Plots with Statistical Details*.
- PRESTON, Dennis R. 2010. Language, people, salience, space: perceptual dialectology and language regard. *Dialectologia: revista eletrônica*, 5(1): 87-131.
- PRESTON, Dennis R. 2011. The power of language regard-discrimination, classification, comprehension, and production. *Dialectologia: revista eletrônica*, SpeI(II):9-33.
- RIBEIRO, Cristiane Conceição Santana. 2019. Pistas para a acomodação subjetiva na variação entre em ~ ni na fala de universitários: regularização morfológica e reparos. *Domínios de lingu@agem*, 13(4): 1557-1580.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Antony Julius. 1998. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, vol.5, p.509-523.
- SILVERSTEIN, Michael. 2003. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & communication*, 23(3/4): 193-229.
- SOUZA, Victor Rene Andrade; SILVA, Vitória Laís Santos; ARAUJO Jr., Mauro Monteiro de. 2020. Da Fala à Leitura: variação linguística na leitura em voz alta de estudantes da Universidade Federal de Sergipe. *Porto das Letras*, 6 (1): 167-99.
- SQUIRES, Lauren. 2017. Processing grammatical differences: Perceiving versus noticing. In: BABEL, Anna (Ed.). *Awareness and control in sociolinguistic research*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WITTENBURG, Peter et al. 2006. ELAN: a professional framework for multimodality research. In: *5th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2006)*.

Recebido em: 16/12/2019
Aprovado em: 21/04/2020